

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL PÓLO DUAS ESTRADAS – PB

MARIA DAS DORES BATISTA DE OLIVEIRA

A EXCLUSÃO DAS MENINAS NAS ATIVIDADES INTERGÊNERO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA MISTA NA CIDADE DE GUARABIRA-PB

DUAS ESTRADAS – PB
2017

MARIA DAS DORES BATISTA DE OLIVEIRA

**A EXCLUSÃO DAS MENINAS NAS ATIVIDADES INTERGÊNERO NA
EDUCAÇÃO FÍSICA MISTA NA CIDADE DE GUARABIRA-PB**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura
em Educação Física do Programa UAB da
Universidade de Brasília – Pólo de Duas Estradas –
PB.

Orientador: **Prof^o.: Oséias Guimarães de Castro**

MARIA DAS DORES BATISTA DE OLIVEIRA

**A EXCLUSÃO DAS MENINAS NAS ATIVIDADES INTERGÊNERO
NA EDUCAÇÃO FÍSICA MISTA NA CIDADE DE GUARABIRA-PB**

Esta monografia foi julgada adequada para a
obtenção do Título de Licenciatura em Educação
Física pela Universidade de Brasília –UNB.

Apresentada em 13 de novembro de 2017.

Comissão Examinadora, integrada pelos professores:

Prof. Oséias Guimarães de Castro
Orientador

Prof. Américo Pierangeli
Examinador

DUAS ESTRADAS – PB
2017

Dedico esta monografia aos meus pais (*in memoriam*), aos meus filhos e a minha neta, as três gerações de incentivo e força que me ensinaram a nunca desistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me concedido saúde, equilíbrio e sensatez para superar todos os obstáculos que encontrei ao longo desse curso.

A essa Universidade, na figura de todos os seus componentes que direta ou indiretamente contribuíram para que a minha formação acadêmica acontecesse.

Ao meu pai Geraldo (*in memoriam*), que mesmo sem entender uma só palavra me ensinou a importância delas.

A minha mãe Avani (*in memoriam*), por ser o meu referencial feminino e me conceder a honra de ter sido a sua filha.

Aos meus filhos Josinaldo e Jasminny, por me amarem incondicionalmente.

A minha mentora Zelita Leite, por ter acreditado sempre em meu potencial.

A amiga Renata dos Santos, por toda atenção e ajuda nos momentos difíceis.

A todos os meus familiares pela força e incentivo.

A todos os meus amigos de turma, pelo apoio mútuo durante as dificuldades que enfrentamos nesses 04 anos de curso.

É graça divina começar bem. Graça maior é persistir na caminhada certa. Mas a graça das graças é não desistir nunca.

Dom Hélder Câmara

RESUMO

O presente estudo, intitulado: “A exclusão das meninas nas atividades intergênero na Educação Física mista na cidade de Guarabira-PB”, tem como objetivo principal analisar a exclusão feminina nas aulas de Educação Física mista, a proposta interventiva docente, bem como a conduta e a receptividade discentes quando propostas atividades de integração intergênero. Trata-se de um trabalho que foi realizado através de uma pesquisa exploratória, com abordagem de cunho qualitativo. Tendo como universo os alunos, em um total de quarenta, que praticam Educação Física e que cursam o Ensino Fundamental na Escola Estadual John Kennedy e na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo, ambas da rede pública de ensino, e dois professores de Educação Física, os quais tiveram que responder um questionário com perguntas abertas. Foi utilizada uma ampla pesquisa bibliográfica, a qual se encontra representada no referencial teórico e que buscou contextualizar o presente trabalho em um contexto maior, conferindo-lhe aspecto de cientificidade. Como resultado foi percebido que em ambas as escolas acontecem aulas mistas, na disciplina de Educação Física, no entanto, vários problemas ainda são apontados pelos alunos, principalmente ao relatarem os espaços de privilégios para os meninos em detrimento das meninas e algumas brigas e discussões que acontecem entre meninos e meninos e meninas e meninas. Desta forma, cabe refletir sobre como as aulas vem acontecendo, se revestida de uma nova metodologia que privilegie os dois gêneros ou se trata de colocar meninas e meninos em um mesmo espaço, mas admitindo ainda antigas práticas de aulas que segregam.

Palavras chaves: Aulas mistas – Intergênero – Educação Física

ABSTRACT

The present study, entitled "The exclusion of girls in intergenerational activities in Mixed Physical Education in the city of Guarabira-PB ", has as main objective to analyze the gender issue in mixed physical education classes, the interventional teaching proposal, as well as the conduct and receptivity when proposed intergenerational integration activities. It was a work that was carried out through an exploratory research, with a qualitative approach. He had as his universe the students, in a total of forty, who practice Physical Education and who attend the Elementary School at the Johns Kennedy State School and at the State School of Elementary Professor Antonio Benvindo, both from the public school network, and two teachers from Physical Education, which had to answer a questionnaire with open questions. It was used a wide bibliographical research, which is represented in the theoretical reference and that sought to contextualize the present work in a larger context, giving it aspect of scientificity. As a result it was noticed that in both schools there are mixed classes in the Physical Education discipline, however several problems are still pointed out by the students, especially when reporting the privilege spaces for the boys to the detriment of the girls and some fights and discussions that happen between boys and boys, boys and girls. This time, it is necessary to reflect on how the lessons have been happening, if it is clad in a new methodology that privileges the two genres or it is about putting boys and girls in the same space, but admitting still old class practices that segregate.

Keywords: Mixed Classes - Intergender - Physical Education

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS...	10
1. INTRODUÇÃO...	11
2. OBJETIVOS...	14
2.1 Objetivo Geral...	14
2.2 Objetivos Específicos...	14
3. REVISÃO DE LITERATURA...	15
4. METODOLOGIA...	21
4.1 Tipo de Pesquisa...	21
4.2 Universo e Amostra...	22
4.3 Instrumentos de Coleta de Dados ...	22
4.4 Técnicas de Análise...	23
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO...	24
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS...	30
7. REFERÊNCIAS...	32
ANEXOS...	35

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Respostas obtidas a partir do questionário do professor... ..	28
---	-----------

1. INTRODUÇÃO

Discutir os espaços de conquista ou de exclusão da mulher em qualquer contexto encontra sua validade na própria ousadia que o tema carrega em si próprio, pois como sabemos trata-se de um fazer marcado por uma imensa semântica cultural e histórica da qual os indivíduos não conseguem se desvincular facilmente. Mas discutir os espaços do fazer feminino no ambiente da escola torna-se ainda mais importante uma vez que este é um dos lócus primordial na construção da identidade, na formação do pensar e dos valores do indivíduo.

As discussões sobre a ocupação feminina nos mais diversos espaços “ditos masculinos” relacionam-se às polêmicas ramificações no que se refere às questões de gênero e suas peculiaridades, as quais vêm ganhando destaque em estudos sociais e em debates importantes que envolvem relações pessoais, principalmente em meados da última década. Mas antes que sejam tratadas essas outras questões se faz necessário, primeiramente, uma compreensão a respeito do que vem a ser a idéia de gênero.

A terminologia “gênero” nem sempre se limita apenas à questão biológica, ou seja, não se relaciona a uma distinção homem e mulher na forma como nascem estando muito mais atrelada a uma idéia de homem e mulher na forma que se constroem. Sendo que essa construção se processa em diferentes manifestações de poderes, de comportamentos e de sentimentos, entre outros. Trata-se, portanto, de uma construção simbólica da sociedade e dos papéis que nela desempenhamos como homens e mulheres.

Sabe-se que o gênero não marca apenas diferenças nas relações entre meninos e meninas, homens e mulheres, mas imprime sobre os corpos modos de ser, comportamentos e atitudes que se traduzem em desigualdades. (SANTIAGO, 2012, p. 08)

Desta maneira, as questões que envolvem as idéias de gênero, embora ainda sejam consideradas tabus pela sociedade, constituem um dos principais problemas que envolvem a humanidade, mantendo ainda, seu caráter longínquo e ultrapassando gerações.

Ainda que aparentemente esta conjectura esteja sendo minimizada buscando caminhos para uma sociedade justa com igualdade entre sexos, é evidente o comportamento preferencial que ocorre nas relações humanas, em todas as esferas sociais. Sobre este assunto, Helena (2012) discorre que:

A mudança nas organizações das aulas de educação física coincidiu com o surgimento dos estudos de gênero no Brasil. Se, antes, uma única turma precisava de dois professores

obrigatoriamente, um para os meninos e outro para as meninas, hoje é mais comum ter apenas um, embora não seja um consenso entre as escolas. Gênero foi uma ferramenta analítica importante para os debates e as intervenções em torno dessa questão.

Esta discussão de práticas de menino e de meninas, ganha um super dimensionamento quando trazida para o âmbito escolar, isto porque os agentes passivos desta relação absorvem fatores endógenos de convívio e internalizam atitudes não coerentes, as tomam como norma, imprimindo em suas culturas consideradas como corretas, além das grandes chances de digerirem tais reflexos de modo equivocado e conseqüentemente alcançarem outros níveis de entendimento e reflexão.

Ainda sobre as questões de gênero nas práticas educativas e mais especificamente no componente curricular de Educação Física, BENDER (2015), afirma que a prática pedagógica sofreu muitas mudanças ao longo dos tempos, sendo que uma dessas diz respeito na separação entre meninos e meninas, quando se tratando das práticas desportivas.

Portanto, à medida que os agentes ativos incentivam a divisão de aulas por sexo e entre esporte de menina e esporte de menino, são atenuadas as disparidades já existentes e estimula que esta relação cada vez mais siga dois caminhos opostos.

Em um universo tão prolífero no campo das discussões, as pesquisas em torno desta temática se tornam cada vez mais reais, ganhando a atenção de estudiosos das diversas áreas, inclusive no campo da Educação.

É nesse contexto que emerge o presente estudo, tendo como fator motivador, a vivência do estágio supervisionado, no Curso de Educação Física, onde foi possível observar que a problemática em questão é algo bem nítido em algumas escolas da cidade de Guarabira-PB, necessitando um estudo mais aprofundado sobre o tema. Foram analisadas em especial duas escolas, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo e Escola Estadual John Kennedy.

De acordo com uma pesquisa feita por JACÓ (2012), com jovens da mesma faixa etária, as participações de meninos e meninas nas aulas de Educação Física não estão centradas no binômio “participação/não participação”, pois as meninas que, a princípio, pareciam participar da aula envolviam-se com as atividades de maneira “mascarada”.

Dessa forma, é buscado nesse trabalho entender como ocorre este processo de interação entre meninas e meninos nas aulas de educação física mista, nas escolas da cidade de Guarabira-PB, no intuito de ratificar ou desconstruir possíveis indicativos de influência da postura de algumas escolas, que não apenas separam os alunos por sexo, como também

sugerem essa mesma divisão através das atividades, colocando em segundo plano todo o processo de socialização que é componente necessário para a aprendizagem e desenvolvimento dos seres humanos.

Em síntese, é buscado neste estudo responder à seguinte questão: “Como se processam as relações de exclusão feminina nas aulas mistas de Educação Física?”. E, ainda, “Como os professores intervêm nas situações com pertinência temática ao eixo curricular transversal, a partir da oferta de atividades de integração intergênero?”.

Em se tratando de uma temática com amplas possibilidades de discussão, o presente trabalho não pretendeu esvaziar todos os questionamentos e trazer todas as respostas, ainda mais porque o campo investigado é bastante limitado, sendo reflexo de uma realidade nacional marcada por contradições diversas.

Nesse sentido, busca-se tornar às questões mais inquietantes e pertinentes, a fim de que a discussão aqui iniciada encontre outros interlocutores e possa gerar novos olhares de interpretação.

2. OBJETIVOS

OBJETIVOGERAL

Analisar a exclusão feminina nas aulas de Educação Física mista, a proposta interventiva docente, bem como a conduta e a receptividade discentes quando propostas atividades de integração intergênero.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever o modo como o professor de Educação Física trata as questões relacionadas à exclusão feminina em suas aulas;
- Verificar a conduta expressa por meninas e meninos em atividades de integração intergênero;
- Investigar a existência de oportunidades iguais de participação para meninos e meninas nas aulas de Educação Física;
- Identificar a existência de uma proposta de intervenção pedagógica que possibilite a integração e o desenvolvimento de atividades destinadas a meninas e meninos nas aulas de Educação Física mista;
- Compreender como meninas e meninos constroem as relações de gênero na Educação Física Escolar.

3. REVISÃO DA LITERATURA

Para uma apropriada análise dos conceitos abordados dentro deste estudo, faz-se necessário um breve histórico sobre os principais fatores que norteiam as relações de gênero, feminismo, machismo em detrimento a igualdade de gêneros, relações nas aulas de educação física, cultura escolar, de sociedade e de práticas docentes.

No que se refere ao aporte teórico que sustente os conceitos usados neste trabalho de pesquisa serão utilizados como referências diversos estudos, teses, dissertações que trabalham com os conceitos apresentados. O caráter de urgência como estão sendo trabalhadas as questões de gênero dentro das aulas de educação física, facilitou a seleção de fundamentos para este trabalho.

Sobre a discussão de fatores pré-determinantes de gênero entre meninas e meninos, Goellner (2005, p. 207) afirma que:

O termo gênero desestabiliza (...) a noção de existência de um determinismo biológico cuja noção primeira afirma que homens e mulheres constroem-se masculinos e femininos pelas diferenças corporais e que essas diferenças justificam (...) desigualdades, atribuem funções sociais e determinam papéis a serem desempenhados por um ou outro sexo.

Ainda para ele (2001, 2005), os Estudos de Gênero na Educação Física (EF) ainda estão em construção, apresentando equívocos de ordem epistemológica, analítica, conceitual e política, não retratando a produção acadêmica da área.

Existe um costume social de relacionar o esporte como uma área destinada a pessoas do sexo masculino, onde os que não são estão sujeitos a serem questionados em suas identidades de gênero e sexual, além de sofrerem com o estereótipo da masculinização.

Ao sexo feminino eram reservadas as atividades de educação primária, com altas doses de moral e sociabilidade para moldagem do seu papel função de mãe, esposa e dona de casa, sendo essa uma construção social que tem marcado não apenas um passado distante, mas tem se corporificado em nossos dias, com algumas ressalvas, e mesmo diante às conquistas que a mulher vem conseguindo alcançar.

Diante dessas diferenças, dentro da educação física, meninos e meninas sempre seguiram caminhos opostos, com atividades diferentes e separados por sexo. Esse resultado decorre de uma série de fatores históricos que atenuam a bifurcação entre os sexos e que isso reflete dentro das aulas de educação física.

Ao refletir sobre a significância das práticas desportivas e das diferenças das ofertas dessa prática para meninos e meninas, Altmann (2015, p. 29-30) aponta:

A vivência do esporte e a educação do corpo que a precede e lhe é concomitante têm início na infância e ocorrem de modo significativamente distinto para meninos e meninas brasileiras. Os incentivos e os campos de possibilidades oferecidas a eles são mais amplos e adequados às exigências esportivas, quando comparados aos que se disponibilizam às meninas.

Por intermédio da escola, no tocante as práticas pedagógicas, o tratamento diferenciado dado a meninas e meninos nos colégios e nas aulas de Educação Física é reforçado por meios legais, que regem a educação ou a escola em específico, e sobre a construção escolar das diferenças com apoio das escolas, no sentido de reforçar esse distanciamento entre ossexos.

Para Altman (2015), no espaço físico escolar, meninos passam a conquistar espaços mais importantes do que as meninas, através do esporte, como também nas aulas de Educação Física. Desta forma, seja na composição de aulas mistas ou em aulas separadas entre meninos e meninas, o que normalmente ocorre é um espaço de exclusão.

Meninos e meninas excluem e são excluídos nos jogos; as exclusões não acontecem somente entre gêneros diferentes, mas também dentro do mesmo gênero, ou seja, a exclusão pode ser em função do gênero assim como pela habilidade (ou falta dela). (IBID, p. 103).

Assim, passamos a entender o papel importante da escola nesse contexto de exclusão do sexo feminino em detrimento ao masculino, principalmente nas aulas práticas de educação física. De modo intrínseco, essas dinâmicas sociais interferem na forma como agimos no nosso cotidiano, seja reforçando essa diferença ou agindo de forma neutra.

Ao realizar um estudo intitulado: Marcas de gênero na educação física escolar: a separação de meninos e meninas em foco, no qual foi utilizada uma amostra de 10 professores e que teve como instrumentos de pesquisa 01 questionário com questões abertas e fechadas; Entrevistas gravadas e, posteriormente transcritas e que sofreu uma análise discursiva a partir da contribuição *foucaultiana*, Dornelles (2011, p. 18), afirmou como resultado desse trabalho que:

A escola está isenta ou não repercute no processo de identificação e constituição das identidades de gênero dos estudantes. Justificando a separação entre meninos e meninas pelo fato das atividades com as meninas serem ditas como próprias de um tom mais recreativo,

os sentidos a elas atribuídos significam como com facilidade em determinadas atividades esportivas, já os meninos são descritos como competitivos ou com maior facilidade na aprendizagem de práticas esportivas.

Seguindo este pensamento chegamos à conclusão que sendo a escola um centro de aperfeiçoamento de práticas sociais, se esta não cumpre seu papel de forma adequada, podem àqueles assumir posturas consideradas incoerentes para as demandas sociais do séculoXXI.

Portanto, dentro desse contexto é quase impossível não destacar o papel que o feminismo tem na mudança desses paradigmas sociais. Este por sua vez prega a igualdade entre gêneros tanto na sociedade quanto profissionalmente.

Sobre estes pontos destacados acima, (ROMERO apud DARIDO et al, 2005, p. 107), afirma:

Quando crianças, os meninos são incentivados a praticar brincadeiras mais agressivas e mais livres; jogar bola na rua, soltar pipa, andar de bicicleta, rolar no chão em brigas intermináveis, escalar muros e realizar várias outras atividades que envolvem riscos e desafios. As meninas, ao contrário, são desencorajadas de praticar tais brincadeiras e atividades.

Dessa maneira, partindo desses princípios, entendemos nesse trabalho que a escola age como agente ativo nas relações de gênero e que isso afeta o modo como as atividades são conduzidas. No âmbito da educação física é a cultura escolar e da sociedade que sugerem a forma como acontecem.

O papel do professor neste processo é de suma importância, pois é com ele o contato direto dos alunos. É o que aponta a pesquisa intitulada “Discussão de Gênero nas aulas de Educação física: uma revisão sistemática” que teve como objetivo compreender implicações da possível participação ou/não participação das meninas nas aulas de Educação Física Escolar, onde os autores concluíram que há uma forte influência construída historicamente e enraizada na sociedade sobre a participação das meninas nas aulas de Educação Física, estas são consideradas menos habilidosas para a prática esportiva quando comparadas aos meninos, e a sociedade, assim como a escola acabam por reforçar mais ainda essa superioridade masculina.

Para Ferreira (2005), entra em cena o papel do professor, que deve agir como um sujeito ativo nesse processo, garantindo em suas aulas, oportunidades igualitárias para meninos e meninas, para que ambos juntos possam construir um novo olhar, sobre essa problemática no intuito de que as vivências corporais de meninos e meninas deveriam ser mais igualitárias, principalmente na educação física escolar, onde a questão de gênero é

mais evidente.

Nesta perspectiva, a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física desconsidera a articulação do gênero com outras categorias, havendo a existência de conflitos, exclusões e diferenciações entre pessoas do mesmo sexo (Campos et al., 2008), e que por outro lado, Santos (2009) considera que as desigualdades se consolidam devido às moldagens diárias e condicionamento comportamental aos quais essas crianças são submetidas no ambiente escolar.

Sem a intenção de esgotar o assunto, as atividades que compreendem o contexto educacional brasileiro, assim como não só na sala de aula, fazem deixar claro que existe separação de gênero nas aulas de educação física, mas que são os professores os próprios colaboradores dessa separação, quando conduzem as suas aulas com atividades diferentes para meninas e meninos, fortalecendo a problemática em questão.

É notório e urgente a necessidade de se produzir conteúdos diversificados nas aulas de educação física, que proporcionem a participação de todos(as) os(as) educandos(as) efetivamente, proporcionando uma desmistificação do sexismo, postura crítica perante os papéis sociais desempenhados por meninos e meninas e o respeito ao próximo, seja ele(a) homem ou mulher.

Constitui-se fundamental exercitar o olhar sobre as práticas comuns da educação física, sem enfatizar receitas prontas de aulas separadas ou mistas, mas apenas que se possa sempre está pronto para se questionar quanto ao que seja natural e incorporado a mesma. Há diferentes formas de participar e de não participar das aulas, e que são influenciadas tanto por questões de fora da escola, quanto de dentro da educação física escolar. Segundo Saraiva (1999, p.187),

[...] a aula de Educação Física separada para meninas e meninos deve ser evitada, porque somente em conjunto podem ser buscadas “as igualdades de chances, a desconstrução da relação de dominação e a quebra de preconceitos entre os sexos, fatores esses necessários para a construção de relações entre iguais que, julga-se, podem impulsionar a transformação social”.

E conforme Gonçalves Junior e Ramos (2005) ao propormos que meninas e meninos devam ter aulas de Educação Física Escolar juntos, não estamos de modo algum, desconsiderando as diferenças entre ambos. Ao contrário disso, espera-se que com essa atitude os agentes envolvidos encontrem seu espaço de modo voluntário sem influências externas, mas que obtenham conhecimento dos dois mundos e desmistifique a limitação do seu papel apenas a tarefas primárias.

Sob esse aspecto, é fundamental o entendimento que a escola tem papel essencial nas construções de gênero dos alunos e, uma vez que as questões de gênero estão presentes na escola, as escolas não podem deixar de assumir o seu papel fundamental, não podem deixar as questões de gênero serem

[...] abordadas somente quando solicitadas, mas integrar o currículo escolar, dos cursos de capacitação docente, assim como as discussões da proposta político pedagógica da escola e da educação brasileira em geral. (ANDRES, JAEGER e GOELLNER, 2015, p. 176).

Dessa realidade provem a compreensão de que o gênero no ambiente escolar, seja nas aulas de Educação Física, nas relações sociais e interpessoais, entre outros, não pode ser ignorado, mas evocado sistematicamente.

Em um contexto de tanta segregação entre homens e mulheres que se tem constituído historicamente, seja nas aulas de Educação Física ou ainda em outros cenários, cabe-nos perguntar se existe um espaço onde as ações conjuntas de homens e mulheres, meninos e meninas possam coexistir de forma simbiótica.

É da idéia da coexistência dos gêneros em uma mesma prática que surge a idéia das aulas mistas, para a disciplina de Educação Física. O objetivo principal é a coexistência para a descoberta do outro, da diferença, para que o respeito possa aflorar e para que as diferenças sejam entendidas fora de um olhar discriminatório.

Ao falar sobre a importância das aulas mistas no componente curricular Educação Física, Bender (2015, p. 15) afirma:

Como complementares aos PCN's os PCN+ alertam para a importância de trabalhar com turmas heterogêneas com alunos (as) em diferentes níveis de habilidades físicas e motoras, assim estimulando o conhecimento das diferenças e respeito entre os alunos.

Uma vez encontrada a sua validade as aulas mistas, em Educação Física devem encontrar estímulos para se tornarem cada vez mais presentes no espaço escolar, a fim de deixar a sua contribuição para a superação das dicotomias do entendimento e das relações entre os meninos e meninas.

Para concluir os suportes teóricos que influenciaram a seguinte proposta de pesquisa, é importante que fiquemos longe de pensar em homogeneizar tudo, tratando igualmente os diferentes. O essencial é que a educação física ofereça um caminho e que esse caminho sempre coloque como norma as meninas terem as mesmas participações importantes tanto

quanto os meninos, que seja dessa forma exibido todo o potencial que tenham guardado.

É primordial que a educação física seja vista como um lugar privilegiado para ajudar na construção de um caminho que valorize a diversidade, as diferentes possibilidades em relação ao gênero, ao corpo e às práticas corporais.

4. METODOLOGIA

Tipo de Pesquisa

Esse trabalho foi realizado através de uma pesquisa exploratória, com abordagem de cunho qualitativo. Para Gil (2008), a pesquisa exploratória “têm como objetivo primordial dar características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.

Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão (GIL, 2007, p.25).

O estudo foi realizado através do levantamento de referências bibliográficas, artigos científicos e pesquisas na internet, tendo a finalidade de aprofundar o conhecimento no tema escolhido e de fundamentar a importância do mesmo. Para Fonseca (2002, p. 32):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

A pesquisa bibliográfica, considerada uma fonte de coleta de dados secundária, pode ser definida como: contribuições culturais ou científicas realizadas no passado sobre um determinado assunto, tema ou problema que possa ser estudado (LAKATOS & MARCONI, 2001; CERVO & BERVIAN, 2002).

Conforme exposto na introdução, de maneira geral, esta investigação teve como objetivo identificar por que ocorre a exclusão feminina nas atividades intergênero nas aulas de educação física mista, em duas escolas da cidade de Guarabira-PB, no intuito de ratificar ou desconstruir possíveis indicadores de influência da postura de algumas escolas, que não apenas separam os alunos por sexo, como também ainda sugerem essa mesma divisão através das atividades propostas, colocando em segundo plano todo o processo de socialização que é

componente necessário para a aprendizagem e desenvolvimento dos seres humanos, com intuito de analisar e pontuar a prática realizada e ou a participação de alunos nessas ações.

Já especificamente buscou-se descrever o modo como o professor de Educação Física trata as questões relacionadas a exclusão feminina em suas aulas; verificar a conduta expressa por meninas e meninos em atividades de integração intergênero; investigar a existência de oportunidades iguais de participação para meninos e meninas nas aulas de Educação Física mista; identificar a existência de uma proposta de intervenção pedagógica que possibilite a integração e o desenvolvimento de atividades destinadas a meninas e meninos nas aulas de Educação Física; compreender como meninas e meninos constroem as relações de gênero na Educação Física Escolar.

Universo e Amostra

O universo define toda a população amostral, que são um conjunto de elementos que apresentam pelo menos uma característica em comum, e tendem a alcançar maiores números de informações possíveis sobre um determinado objeto. Esta pesquisa teve como universo os professores da Escola Estadual de ensino Fundamental professor Antônio Benvindo e da Escola Estadual John Kennedy e os alunos que praticam educação física e que cursam o ensino fundamental nas referidas escolas da rede pública. O mesmo contou com uma amostra probabilística, que, para Vergara (1988, p. 48), se baseia em procedimentos estatísticos.

Instrumentos de Coleta de Dados

Inicialmente, foram utilizadas pesquisas bibliográficas para melhorar as definições de conceitos sobre o tema abordado. A partir das leituras foi estruturado um questionário com perguntas abertas direcionadas aos sujeitos da pesquisa. Esses questionários foram enviados aos 40 (quarentas) alunos estudantes da cidade de Guarabira – PB, com as turmas do 6º e 7º ano, 10 alunos para cada turma, e os seus respectivos professores.

É importante destacar que selecionamos os alunos desses períodos, especificamente por considerarmos que nessa fase é onde se encontra maior o conflito de gênero, sendo assim primordial para essa pesquisa, a fim de encontrar os resultados desse estudo.

No que se refere à aplicação dos questionários, base instrumental desta pesquisa, estes foram feitos presencialmente. Para obter as respostas necessárias para a realização da pesquisa, realizamos o procedimento de levantamento de dados, nos meses de agosto e setembro de 2017, utilizando como instrumento de coleta de dados questionários (Anexo A)

composto por 05 questões.

De acordo com Cervo e Bervian (2002) o questionamento é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com melhor exatidão o que se deseja. Marconi e Lakatos (2003) definem questionário como Instrumento de coleta de dados, constituído por perguntas voltadas para a pesquisa, que devem ser respondidas por escrito. Esses teóricos afirmam ainda que:

[...] Junto com o questionário deve-se enviar uma nota ou carta explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de obter respostas, tentando despertar o interesse do recebedor, no sentido de que ele preencha e devolva o questionário dentro de um prazo razoável. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 201).

Após a aplicação dos questionários, veio a etapa de análises dos dados. Foram utilizadas técnicas de análises de forma qualitativa e quantitativa. Utilizando-se a técnica qualitativa para descrever a análise dos dados, com a finalidade de demonstrar de forma descritiva o que foi pesquisado.

O procedimento utilizado para esta entrevista se deu através da aplicação de 02 (dois) questionários com perguntas abertas, 01(um) questionário com 05 (cinco) perguntas para os alunos e outro com mais 05 (cinco) para os professores das respectivas turmas.

Quanto às informações referentes aos nomes dos participantes da pesquisa, estes, serão mantidos em sigilo, para preservar a integridade de tais.

Técnicas deAnálise

A análise dos dados foi realizada a partir de discursos dos entrevistados (retirados dos questionários) e da construção de 01 (uma) tabela, sendo que essa última buscou comparar os resultados obtidos nas falas dos professores.

Vale salientar que os dados obtidos foram tratados com base no entendimento adquirido no referencial teórico, ou seja, pela busca do sentido mais explicativo com as informações das experiências vivenciadas pelos alunos e professores dentro das aulas de EducaçãoFísica.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse capítulo será realizada a apresentação dos dados obtidos, a partir dos questionários aplicados entre alunos e professores de duas instituições de ensino: a Escola Estadual Jonh Kennedy e a Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo. Uma vez que os questionários apresentavam questões abertas, serão reproduzidas algumas falas dos entrevistados, as quais não sofreram nenhuma correção, sendo apresentadas na forma como foram escritas.

Para representar os nomes dos entrevistados serão utilizadas as iniciais da Escola seguida do nome aluno ou aluna, afim de que seja identificado o sexo do entrevistado, seguindo de um número simbólico que o diferencia entre todos do grupo de entrevistados.

Para a pergunta 01 do questionário do aluno: “01. O que você acha sobre educação física separada, para meninos e meninas? Na sua escola existe essa característica?” foi obtido um contexto diversificado de respostas. Entre as mais significativas, a grande maioria dos entrevistados respondeu que em sua escola as aulas acontecem de forma mista, como podemos observar nos relatos abaixo:

E.A.B.– aluna E.J.K – aluna 13: *“Eu acho bom porque as características e os esportes são muitos diferentes. Aonde eu estudo é tudo junto.”*

Também foi possível identificar respostas como as citadas abaixo:

E.A.B. – aluna 28: *“Eu acho chato, não é legal.”*

42: *“Bom, eu acho que não deveria ser separado pelo simples fato de convivência. Mais hoje em dia nem todos acham apenas com a intenção de ir a aula. Na escola onde estudo existe essa característica.”*

E.J.K. – Aluno 16: *“Não. Bem, seria melhor assim.”*

De uma forma geral os entrevistados evidenciam nas duas escolas, a existência de aulas mistas a qual foi revelada a partir de expressões, tais como: “tudo junto”, “não”, entre outros. Já em se tratando da opinião dos entrevistados sobre o que acham da aula mista, a grande maioria afirmou ser a favor. Foi possível perceber essa realidade a partir de expressões como: “eu acho bom”, “ótimo”, “muito bom”, etc.

Poucos alunos afirmam que na escola não existe aula mista para meninos e meninas, o

que pode ter acontecido em função de não terem entendido o enunciado ou a idéia de aula mista. Uma pequena minoria afirmou gostar das aulas mistas.

Poucos alunos afirmaram que na escola não existe aula mista para meninos e meninas, o que pode ter acontecido em função de não terem entendido o enunciado ou a idéia de aula mista. Uma pequena minoria afirmou não gostar das aulas mistas.

Cabe ainda informar que os alunos apresentaram respostas bem sucintas, revelando uma parcela importante de dificuldade no que se relaciona à produção textual.

Ao tratar a respeito das aulas mistas, a qual é denominada coeducação em seu trabalho de pesquisa, Silva (2015, p. 11 e 12), afirma que tal prática deve ser entendida

[...] em geral como práticas conjuntas entre meninas e meninos, a qual colabora na interpretação das atividades físicas e do esporte numa visão relacional de gênero, combatendo o sexismo, libertando alunos e alunas dos estereótipos e das determinações de que cada sexo deve vivenciar tais práticas corporais. Deve ser uma prática que venha revelar o sentido da união dos sexos na Educação Física Escolar, buscando a emancipação dos alunos.

Em se tratando da segunda questão do questionário do aluno: “02. Você percebe se as atividades propostas nas aulas de educação física privilegiam tanto os meninos quanto as meninas?” foi possível observar as seguintes realidades:

E.J.K. – Aluno 16: “*Sim. Mas depende do que ele passa.*”

E.J.K. – Aluno 14: “*Eu acho que os homens são mais privilegiados. Mas mesmo assim é melhor para os meninos.*”

E.A.B. – Aluno 35: “*Privilegia tanto os meninos quanto as meninas e faz bem pra saúde.*”

Como podemos perceber nas falas dos entrevistados, acima, as opiniões ficaram bastante divididas. No entanto, a maioria dos entrevistados afirmou que as aulas de Educação Física em suas escolas buscam dar privilégios iguais para meninos e meninas.

Em se tratando da observação de escola para escola, ainda que em ambas a maioria dos entrevistados tenha afirmado não existirem privilégios diferenciados entre meninos e meninas, na Escola Estadual John Kennedy a diferença percentual foi bastante superior à diferença ocorrida na Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo.

Sendo que nessa última houve um relativo equilíbrio entre os que acham não haverem privilégios e os que acham existirem tais privilégios.

Em se tratando da terceira questão do questionário do aluno: “03. Qual a sua opinião sobre a capacidade de meninos e meninas nas aulas de Educação Física?” podemos fazer uma análise a partir das seguintes falas que representam o conjunto das principais respostas obtidas:

E.A.B. – Aluno 35: *“Os dois têm capacidade.”*

E.J.K. – Aluno 20: *“Os dois sexo têm capacidade.”*

E.J.K. – Aluna 06: *“Porque os meninos têm mais capacidade.”*

E.A.B – Aluno 34: *“Meninas são muito mole e os meninos não. Meninas se machucam e colocam culpa nos meninos.”*

E.J.K. – Aluna 21: *“Só um menino briga com as meninas.”*

Entre as respostas obtidas as que mais se destacaram, de forma geral, foram as relacionadas a igualdade de capacidade entre meninos e meninas, que foi a segunda mais lembrada. E, em primeiro lugar, sendo mais lembrada, se destacou a afirmativa de que os meninos têm mais capacidade do que as meninas, principalmente nas afirmativas dos entrevistados da Escola Estadual John Kennedy.

Outras afirmativas que também ganharam destaque foi a de que os meninos “brigam”, “implicam” com as meninas ou entre si. Sendo que essa afirmativa foi lembrada em ambas as escolas em estudo. Essa afirmativa foi mais lembrada pelas meninas do que pelos meninos.

Entre os alunos se destacaram as afirmativas que evidenciavam sua força e maior capacidade em detrimento das afirmativas que colocavam as meninas em um plano secundário.

Em face do estudado, podemos ver que tais afirmativas refletem as desigualdades de gênero, que encontram-se ainda bastante latente no meio social, apesar dos avanços obtidos no sentido da igualdade ente homens e mulheres.

Em se tratando da literatura estudada, o contexto apresentado para a questão 03 (três) encontra validade no exposto por BEARZI (2015, p. 11), ao afirmar:

As diferenças em relação a gênero são muito perceptíveis na educação física escolar, pois muitas vezes as crianças reproduzem na escola o que ouvem seus pais falarem em casa. Ainda é possível

observar em certas escolas a divisãodas aulas entra meninos e meninas, muitas vezes a alegação é de que meninos nãorespeitam as meninas e em alguns momentos podem a machucar, e muitas vezesos meninos reclamam que as meninas não sabemjogar.

Para a quarta questão do questionário do aluno 04: *“Você preferiria que as aulas de Educação Física fossem realizadas com alunos de ambos os sexos ou fossem separadas por sexo? Por quê?”* podemos observar as seguintes falas:

E.J.K. – Aluna 22: *“Junto. Porque se conhece mais, faz amizades.”*

E.J.K. – Aluno 13: *“Separado. Porque é ruim, as meninas são chatas.”*

E.A.B. – Aluna 30: *“Separados. Porque os meninos não deixam as meninas participar das atividades.”*

Na opinião da maioria dos entrevistados, as aulas de Educação Física devem ocorrer de forma separada entre meninos e meninas. Entre os principais motivos que justificam essa opção são apontados os fatos de as relações entre meninos e meninas causarem conflitos. Para alguns meninos e meninas não combinam quando colocados juntos em atividades esportivas e na fala de alguns meninos as meninas atrapalham.

Em se tratando do trato dos dados de escola para escola os alunos entrevistados da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo, em sua maioria, acredita que as aulas devem ocorrer de forma separada. Já para os alunos entrevistados da Escola Estadual John Kennedy há um empate nas opiniões. Não houve uma diferença expressiva de opinião entre meninos e meninas.

Em se tratando da última questão do questionário do aluno 05: *“Existem problemas nas relações entre alunos e alunas nas aulas de Educação Física?”* foram escolhidas as seguintes falas a fim de representar de forma figuradas opiniões dos entrevistados.

E.A.B. – Aluna 30: *“Sim, porque os meninos são muitos arengueiros.”*

E.J.K – Aluno 12: *“Não, é normal.”*

E.A.B. – Aluno 02: *“Sim, as meninas não fazem nada.”*

E.A.J. – Aluna 23: *“Não, só os meninos que implica com as meninas.”*

No cômputo geral dos entrevistados, a maioria afirmou que as aulas devem ocorrer em separado, sendo que essa afirmativa ficou mais expressiva entre os alunos entrevistados da Escola Estadual de Ensino Fundamental Professor Antônio Benvindo. Já na Escola Estadual John Kennedy as opiniões ficaram bastante equilibradas.

Ao se observar as respostas de forma separada entre meninos e meninas, entre os meninos foi apontada com freqüência a afirmativa de que as meninas “não fazem nada” nas aulas de Educação Física, sendo que essa afirmativa apareceu nas duas escolas em estudo. Já entre as meninas foi destacado o fato de os alunos brigarem entre si e brigarem, implicarem ou mexerem com as meninas.

Mais uma vez ficam evidenciadas as questões de gênero através das idéias de superioridade entre meninos e meninas, como também nas questões de meninos mexerem com meninas e da prática da agressividade mais latente nos meninos que nas meninas.

Para Bearzi (2015), ao tratar sobre as aulas de Educação Física separadas por gênero:

A opção pela separação dos sexos em aula de educação física escolar faz com que sejam reafirmadas as diferenças entre homens e mulheres. Por isso se considera de fundamental importância uma educação conjunta de meninos e meninas, pois é através desta ferramenta que se busca a igualdade nas práticas corporais e esportivas. (BEARZI, 2015, p. 14)

Em se tratando do questionário aplicado aos professores das duas instituições de ensino em estudo as respostas estão representadas na tabela abaixo:

Tabela 01:Respostas obtidas a partir do questionário do professor.

ESCOLAS	Escola Estadual de Ensino Fund.Prof. Antônio Benvindo	Escola Estadual John Kennedy
PERGUNTAS	RESPOSTAS	
1. Você costuma realizar atividades de integração de gênero? Por quê?	<i>Tem-se pelo valor que será criado no alunado por conta das diferenças físicas e psíquicas.</i>	<i>Sim, sempre faço, porque é importante para o desenvolvimento de meninas e meninos.</i>
2. Que tipo de atividade é mais aceita pelos alunos?	<i>Baleada (recreação).</i>	<i>Na minha realidade, e onde Leciono há 25 anos: jogos, interclasse e gincanas. A baleada ainda é muito forte para qualquer faixa etária, corda e circuito.</i>
		<i>É normal existir conflitos, mas</i>

3. Durante as aulas de Educação Física é comum Acontecerem conflitos entre os alunos e alunas? Se sim, Como os soluciona?	<i>Sim. Para a aula no momento do ocorrido, coloco os alunos que se envolveram na briga e proponho uma reflexão do porquê do ato ocorrido.</i>	<i>nada que uma boa conversa, chego ao divisor comum. É preciso ser colega dos alunos e falar a mesma linguagem. Eu Posso falar com conhecimento tenho 25 anos de convivência.</i>
4. Nas aulas de educação Física existe uma participação maior de meninos ou meninas? A que fator você Atribui esse comportamento?	<i>Depende. As meninas são mais flexíveis a novas práticas Novas atividades enquanto os meninos são mais fixados no futebol.</i>	<i>No meu colégio sempre foi o número maior das meninas, por ter variações exemplo se for circuito, ginástica, baleada e jogos lúdicos. No caso os Meninos são fanáticos pela bola, daí existe a diferença, ainda é a minoria no sexo feminino.</i>
5. Quais são as atitudes mais frequentes dos alunos durante as aulas por conta das diferenças entre os gêneros?	<i>Os alunos ainda praticam a exclusão dos fichados menos habilidosos. Tendo ainda um pensamento competitistas.</i>	<i>Diferenças só quando faço jogos masculinos e femininos, mesmo assim há respeito entre eles. Só vejo e sinto algo estranho quando faço gincanas e interclasse.</i>

Fonte: Dados do estudo, 2017.

Como se pode ver, a partir das respostas obtidas através do questionário do professor, há uma proximidade nas falas dos entrevistados, apesar de cada um apresentar características individuais que os particulariza.

Em se tratando de um universo comum para as duas escolas – a prática de atividades mistas nas aulas de Educação Física – podemos destacar, entre os aspectos comuns: a prática de a baleada ser percebida como atividade bem aceita entre os alunos de ambos os sexos; o fato de os meninos serem sempre mais fanático pela bola ou futebol.

É possível identificar ainda as práticas de exclusão criadas entre os alunos, seja pelas questões de gênero (meninos x meninas) ou ainda por outras variantes, tais como: grau de amizade, habilidades desportivas entre outras.

O importante nisso tudo é a busca pela construção de um ser humano que possa superar todas as diferenças na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Dentro desse enfoque o professor seja de Educação Física ou de qualquer outra disciplina do currículo tem um grande papel a desempenhar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos no mundo das diferenças, entre ricos e pobres, feios e bonitos, gordos e magros, certo e errado, grande e pequeno, homem e mulher, preto e branco, homo e heterossexual e quantas mais outras poderiam ser elencadas de forma constante. Nesse mundo de tantos contrários, nem sempre existe um respeito entre os díspares e os privilégios acabam indo para o grupo que consegue se impor, sendo que o mais fraco acaba não tendo direitos às mesmas regalias, tornando-se, portanto, marginalizado.

Ao pensarmos no espaço da educação formal temos que pensá-la como um lugar de construção dos princípios de igualdade entre os diferentes. No entanto, como já abordado no referencial teórico, nem sempre a escola é promotora dessa igualdade tão idealizada. Assim, ao tomarmos como exemplo a prática da Educação Física, podemos perceber que ao longo do tempo ela admitiu uma prática que ao invés de promover a igualdade de gênero, quase sempre segregou um universo para meninos e outro para meninas, baseando-se em suas habilidades e capacidades ditas diferenciadas.

Dessa forma, surge uma discussão sobre a importância das aulas mistas, colocando em um mesmo espaço meninas e meninos com a proposta de promover o conhecimento, o respeito e aceitação das diferenças de forma pacífica. Nesse sentido, foi promovido um estudo que buscou perceber de que forma esse modelo de aula pode ser promotor dessa realidade tãoalmejada.

Entre os principais pontos que cabem discordância, um diz respeito à fala dos professores ao afirmarem promover aulas que buscam integrar meninos e meninas. Pois, principalmente as meninas e alguns meninos, com uma porcentagem menor desse último grupo, afirmaram que as aulas acabam privilegiando mais os meninos do que as meninas. Até que ponto essa contradição é verídica? Será que de fato o professor tem buscado novas práticas que viabilizem a integração entre alunos e alunas, ou terá apenas colocado em um mesmo espaço meninos e meninas, baseando-se em práticas antigas, mais voltadas para este ou para aquele grupo?

Por conseguinte, é preciso entender que as aulas mistas não apenas coloca em um mesmo espaço meninos e meninas, mas busca criar situações de diálogo e de interação entre esses grupos, pois só assim serão criadas relações respeitadas. Caso contrário, se cria uma aproximação em que as diferenças se sobressaem.

Cabe lembrar que as diferenças não serão facilmente superadas e nem o respeito será rapidamente construído, no entanto, é necessário criar os espaços e as possibilidades para

que ambos aflorem. Em se tratando das questões de gênero, apesar de elas ainda serem bastante latentes, entende-se que a partir das aulas mistas o componente curricular encontra espaço para legar a sua contribuição.

Como desfecho das aprendizagens aqui construídas, podemos citar a fala de COSTA (2016, p. 17), ao afirmar:

Podemos considerar então que gênero é algo que se aprende, pois apenas nascemos homem ou mulher, e só aprendemos a viver como tais ao longo da vida, influenciados pelo meio. Não é necessário ir muito além do que a observação do cotidiano, para constatar o quanto gênero ainda oprime as mulheres, basta observar as desigualdades trabalhistas, o alto índice de agressão a mulher, maiores taxas de analfabetismo e entre outros. Ou seja, os conceitos de feminilidade e masculinidade foram socialmente construídos e resultam em uma hierarquia presente na maioria dos âmbitos de convívio social, inclusive na escola.

Ou ainda, esta outra que diz:

Na teoria, a escola deve se um espaço em que as crianças/adolescentes possam desenvolver práticas humanitárias, educacionais e de valores morais e éticos, em parceria com as práticas pedagógicas. Ao invés de definir modalidades esportivas a partir da anatomia dos corpos. A escola enquanto formadora de opiniões deve caminhar para desmistificar a mulher enquanto sexo frágil, desenvolvendo uma linguagem inclusiva em que as mulheres sejam vistas, como sujeitos participantes na história, na política, na cultura, na produção do conhecimento, nas artes e no esporte. (IBID, 2016. p. 20)

Portanto, de acordo com as falas da autora e com o retrospecto teórico até aqui apresentado, ficam as lições de que as questões de gênero não se tratam de construções naturais, como muitas vezes o senso comum nos faz acreditar. Mas construções sociais, sendo necessário, uma nova ótica de olhar, a fim de que possam legar à homens e mulheres os seus lugares e papéis de direito e de igualdade.

Nesse longo percurso a ser construído, a escola precisa desempenhar o seu papel, articulando falas e práticas que conduzam à igualdade de gênero, tirando as mulheres de sua representação de exclusão. Trata-se de um fazer que não se esvazia no até aqui exposto. Torna-se necessário, cada vez mais prolíferas discussões, principalmente, quando pensamos nesse universo específico que a prática desportiva ou atividades do componente curricular Educação Física. No entanto, fica a certeza de uma contribuição inicial, a qual deverá ser continuada por novas pesquisas sob novos focos de interesse.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, N. G. **Análise das percepções de docentes e discentes sobre turmas mistas e separadas por sexo nas aulas de Educação Física Escolar**. In: ROMERO, E. (org.), *Mulher e Sociedade*. São Paulo: Papirus, 1995. p.157- 176.

_____. **Meninos pra cá, meninas pra lá?** In: VOTRE, S. J. (org.). **Ensino e Avaliação em Educação Física**. São Paulo: Ibrasa, 1992. p.101-120.

ANDRES, S. S.; JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. **Educar Para a Diversidade: gênero e sexualidade segundo a percepção de estudantes e supervisoras do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (UFSM)**, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198330832015000200167&script=sci_arttext>
Acesso em: 25 de Novembro de 2015.

ALVES, J. E. D.; BELTRÃO, K. I. **A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX**. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_111.pdf>.
Acesso em: 10 de Agosto de 2017.

ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: Relações de Gênero em Jogo**. São Paulo: Cortez, 2015. Coleção educação e saúde. p. 29-41; 73-134.

ASQUITH, A.; POZZOBON, M. E. **Diferentes modelos de ensino de jogos esportivos na Educação Física escolar**. Dissertação de Mestrado do PPGCMH/ UFSM. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd37/jogos.htm>>.
Acesso em: 29 de Junho 2017.

BEARZI, C. de. **Experiências de uma Educação Física escolar em que “elas sentam e eles jogam”**. Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul. Ijuí-RS. 2015

BENDER, N. **Relações de Gênero nas Aulas de Educação Física de Uma Escola Pública de Porto Alegre-RS**. UFRS: Porto Alegre, 2015.

CAMPOS, A. F.; COCATE, P. G.; FREITAS, M. E. P.; SOARES, L. A.; CRUZ, L. A. A questão de gênero nas aulas de Educação Física. **Rev Brasileira de Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**, v.3, n.3, p.79-88, 2008.
 Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/genero_aulas.pdf>.
Acesso em: 29 de Junho de 2017.

CORREIA, M. M. **Representações de gênero na licenciatura em Educação Física**. Dissertação do Mestrado em Ciências da Atividade Física. Universidade Salgado de Oliveira, Niterói, 2008.

COSTA, M. F. J. da. **O futsal e as Meninas das Séries Finais do Ensino Fundamental nas Aulas de Educação Física Escolar: uma questão de gênero**. Universidade Federal do Rio

Grande do Norte. Natal, 2016.

CRUZ, M. M. S; PALMEIRA, F. C. C. Construção de identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz**, Rio Claro, v.15 n.1 p.116-131, 2009. Disponível em: <[http://](http://ltp-ead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/Texto%20do%20m%20f3dulo%20G%20e%20ano%20no%20ambiente%20escolar.pdf)

ltp-

ead.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/Texto%20do%20m%20f3dulo%20G%20e%20ano%20no%20ambiente%20escolar.pdf>.

Acesso em: 27 de Junho de 2017.

DARIDO, S.; NETO, L. S. **O contexto da Educação Física na escola**. In: Educação Física na Escola: implicações a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DORNELLES, P. G. **Marcas de gênero na Educação Física escolar: a separação de meninos e meninas em foco**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2011v23n37p12>>

Acesso em: 29 de Junho de 2017.

FERREIRA, L. A. **O professor de Educação Física no Primeiro Ano da Carreira: análise da aprendizagem profissional a partir da promoção de um programa de iniciação à docência**. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2382?show=full>>.

Acesso em: 27 de Junho de 2017..

FREIRE, J. B. **Educação Física de Corpo Inteiro**. São Paulo: Scipione, 1989.

GOELLNER, S. V. **Gênero, Educação Física e esportes**. In: VOTRE, S. B. (org.). Imaginário e representações sociais em Educação Física, Esporte e Lazer. Rio de Janeiro: UGF, 2001. p. 215-227.

GONÇALVES JUNIOR, L.; RAMOS, G. N. S. **A Educação Física Escolar e a Questão do Gênero no Brasil e em Portugal**. São Carlos: EdUFSCar, 2005. Disponível em: <cevs.org.br/biblioteca/a-educacao-fisica-escolar-e-questao-genero-brasil-em-portugal/>.

Acesso em: 28 de Junho de 2017.

HELENA, A. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**.

Disponível

em: <<https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=ZtCaCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA69&dq=educa%C3%A7%C3%A3o+f%C3%ADsica+e+rela%C3%A7%C3%A3o+de+g%C3%A9nero&ots=22cC4qjSkW&sig=bwsYLBqPfHZg4e6wzvFhccxzaE#v=onepage&q=educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica%20e%20rela%C3%A7%C3%A3o%20de%20g%C3%A9nero&f=false>>.

Acesso em: 28 de Junho de 2017.

JACÓ, J. F. **Educação Física Escolar e Gênero: diferentes maneiras de participar da aula**. Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-graduação em Educação Física, Unicamp, Campinas, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v38n2/0101-3289-rbce-38-02-0163.pdf>>.

Acesso em: 29 de Junho de 2017.

JESUS, M. L.; DEVIDE, F. P; **Educação Física Escolar, Coeducação e Gênero.** 2006.

Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1153/115315952006/>>.

Acesso em: 27 de Junho de 2017.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação:** uma perspectiva pós- estruturalista.

Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. Disponível em:

<<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/.../genero-sexualidade-e-educacao-.>>.

Acesso em: 29 de Junho de 2017.

MATOS, R. N; BRASILEIRO, S. G; ROCHA, T. R; CAVALCANTE NETO, J. L.

Discussão de Gênero nas Aulas de Educação Física: uma revisão sistemática. Disponível em: <<file:///C:/Users/Maria/Desktop/artigo%20tcc1%20numero%203.pdf>>.

Acesso em: 29 de Junho de 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ROSEMBERG, F. **A Educação Física, os Esportes e as Mulheres: balanço da bibliografia brasileira.** In: ROMERO, E. (orgs) Corpo, Mulher e Sociedade. Campinas: Papirus, p.

271-308, 1995b.

Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/download/862/3895>>.

Acesso em: 29 Junho de 2017.

SANTIAGO, I. M. **Sexualidade e Gênero:** as práticas educativas na educação infantil.

Capivari, SP: CNEC, 2012

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, O. P. da. **Gênero e Educação Física:** Um relato sobre as práticas corporais entre meninos e meninas em uma escola municipal da cidade de Tangará da Serra – MT. Universidade de Brasília. Barra do Bugres-MT, 2014.

Disponível em:

<bdm.unb.br/bitstream/10483/9562/1/2014_OzeiasPinheiroDaSilva.pdf>

Acesso em: 23 de Outubro de 2017.

TACHIZAWA, T.; MENDES, G. **Como Fazer Monografia na Prática.** 5ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário de aplicação entre os alunos.**QUESTIONÁRIO**

1. O que você acha sobre educação física separada para meninos e meninas? Na sua escola existe essa característica?
2. Você percebe se as atividades propostas nas aulas de educação física privilegiam tanto os meninos como as meninas?
3. Qual a sua opinião sobre a capacidade de meninos e meninas nas aulas de educação física?
4. Você preferiria que as aulas de educação física fossem realizadas com alunos de ambos os sexos ou fossem separadas por sexo? Porquê?
5. Existem problemas nas relações entre alunos e alunas nas aulas de educação física?

ANEXO 2 – Questionário de aplicação entre os professores.**QUESTIONÁRIO**

1. Você costuma realizar atividades de integração de gênero? Porquê?
2. Que tipo de atividade é mais aceita pelos alunos?
3. Durante as aulas de Educação Física é comum acontecerem conflitos entre os alunos e alunas? Se sim, como os soluciona?
4. Nas aulas de educação física existe uma participação maior de meninos ou meninas? A que fator você atribui esse comportamento?
5. Quais são as atitudes mais freqüentes dos alunos durante as aulas por conta das diferenças entre os gêneros?